

10 MAI 1984

Dívida externa

Parlamentares brasileiros

1984

CONTINUA DIA 11

ameacam parar pagamentos

Washington — O grupo de parlamentares brasileiros que mantém em Washington contatos com os órgãos financeiros multilaterais, especialmente com o FMI, falou ontem abertamente no risco de suspensão dos pagamentos da dívida externa. Antes de se reunir com o diretor-geral do FMI, Jacques de Larosière, criticou o aumento das taxas de juros no mercado internacional, afirmando que ele poderá inviabilizar a **rolagem** da dívida por muitos países.

A missão, conduzida entre outros pelos senadores Roberto Sartorino e Nelson Carneiro, além do deputado Pratini de Moraes, ex-ministro da Indústria e do Comércio, fez declarações bastante fortes. "Se esse processo continuar, mais cedo ou mais tarde países como o Brasil poderão deixar de pagar suas dívidas", foi uma delas.

Mais moderado, o ministro do Planejamento, Delfim Netto — que ontem esteve na sede do Banco Mundial, também em Washington — disse que o mais importante para os devedores é ha-

ver uma estabilidade nas taxas de juros. Pela primeira vez, porém, Delfim comentou a possibilidade de se proceder a uma **capitalização dos juros**, estabelecendo-se um diferencial entre uma taxa fixa, estável, e as taxas de mercado.

NO CONGRESSO

Os deputados e senadores brasileiros manifestam-se ontem satisfeitos com os contactos com colegas da Câmara e do Senado americanos.

"Não esperávamos soluções espetaculares, mas creio que conseguimos fazê-los entender que o problema da dívida externa é hoje muito mais político do que econômico ou financeiro", disse o deputado Pratini de Moraes.

"Fizemos os congressistas americanos compreenderem que igualzinho como sucede com eles, nós também sofremos pressões do eleitorado", explicou o senador Nelson Carneiro, presidente do Parlamento Latino-Americanano.

As visitas tiveram lugar no contexto de uma viagem aos Estados Unidos de 18 parlamentares da América Latina. Congressistas americanos aprenderam, com surpresa, por exemplo, que enquanto o Brasil exportou 5 por cento de aço para os USA, o Japão exportou 25 por cento.

Esse fato, realçou Pratini de Moraes, revela a dupla origem do protecionismo americano. Não é apenas a pressão (**lobby**) dos sindicatos de trabalhadores, como também o **lobby** dos importadores de produtos de outros países.

No caso do calçado, continuou o deputado gaúcho, foram os importadores de sapatos italianos e espanhóis que fizeram mais força para alijar do mercado os sapatos brasileiros.

Mais estarrécidos ainda ficaram os parlamentares locais ao saber que, de 1980 a 1983, a queda das exportações americanas à América Latina, provocada por medidas restritivas preconizadas pelo Fundo Monetário International, atingiu mais de 40 por cento, com a perda de 400.000 empregos nas indústrias americanas.